

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

Premiada com a medalha de prata na Exposição Industrial do Porto em 1897 e com o Grande Diploma de Honra, na Exposição da Imprensa, Lisboa 1898

IMPRESSA Á CUSTA DO ESTADO

A importancia total da venda d'esta publicação reverte a favor das «Officinas Branco Rodrigues»

<p>REDACÇÃO Livraria Catholica Rocio—Lisboa</p>	<p>REDACTOR BRANCO RODRIGUES</p>	<p>PREÇO DO VOLUME Um anno—14 numeros 500 réis</p>
--	---	--

UMA SESSÃO FESTIVA

DE UM

INSTITUTO DE CEGOS DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

(PERKINS INSTITUTION AND KINDERGARTEN AT JAMAICA PLAIN)

O Instituto Perkins, de Boston, para o ensino dos cegos e surdos-mudos é a mais celebre das instituições similares do mundo inteiro.

Foi ahi que o genio do dr. Samuel Howe conseguiu arrancar á animalidade inferior a que estava fatalmente condemnada a pobre surda-muda e cega Laura Dewey Bridgman e fazer della um ser humano dotado dos mais elevados sentimentos, de que nos dão o mais brilhante testemunho as suas poesias, as suas cartas, as memorias da infancia, etc.

Quem haverá que não sinta a mais profunda admiração pelo genial Howe ao ler as producções da sua educanda: a carta escripta á mãe que perdeu a filhinha Mary, a poesia *Holy home (a patria celeste)* onde Laura espera ver, ouvir e fallar), nas quaes ella revela ao lado do conhecimento da sua desdita a esperanza de que numa vida futura os seus males terão desaparecido?

Não tentámos fazer aqui a historia, tão interessante, de Laura Bridgman; pode-la-hão encontrar os nossos leitores nas *American notes* do grande escriptor inglez Charles Dickens, na obra de Lamson, a professora de Laura¹, no estudo psychologico do professor Jerusalem², etc.: é nosso intento mostrar que o Instituto Perkins não dorme sobre os loiros colhidos.

Em 1876 o benemerito Samuel Howe desapareceu do numero dos vivos; é hoje o continuador da sua obra outro pedagogo illustre, Michael Anagnos.

Todos os annos, na primeira terça-feira de junho, reúnem-se no *Boston Theatre*, cedido generosamente para esse fim, os alumnos da Perkins Institution e do jardim de infancia de Jamaica Plain para executarem, em presença do publico, os trabalhos com que iniciam o seu anno lectivo.

Este anno caiu em 7 de junho esse dia festivo da Perkins Institution; no momento em que os norte-americanos nas aguas de Cuba se batiam com a Hespanha, no Theatro Boston celebrava-se a festa da paz, carinho e humanidade para com os cegos.

Dão-nos noticias dessa festa os jornaes *Boston Evening Transcript*, *Boston Globe* e *Boston Daily Advertiser*.

Ao meio dia, achando-se o theatro completamente cheio, o dr. Samuel Eliot, presidente da commissão administrativa, dirige-se ao publico nos seguintes termos:

«A vossa presença em tão grande numero é para nós o maior incitamento e evidencia-nos um interesse sempre crescente pela instituição da escola dos cegos, instituição tão querida aos nossos corações; e desejo testemunhar gratissimo reconhecimento por tudo quanto o publico de Boston faz e tem feito pela obra dos cegos.» Em seguimento exprime os sentimentos geraes pela ausencia das auctoridades, a quem os deveres publicos naquelle momento impediam de assistir á festa.

O primeiro numero do programma era a execução de trechos escolhidos da opera *Judia*, de Halévy, pela banda da escola, na qual os alumnos mostraram os progressos feitos no uso dos instrumentos e o seu gosto mu-

¹ Mary Swift-Lamson, *Life and education of Laura Dewey Bridgman*. Boston, 1878.

² Prof. Dr. Wilhelm Jerusalem, *Laura Bridgman. Erziehung einer Taubstumm-Blinden*. Wien, 1890.

sical. O exercicio da classe infantil tinha por assumpto *Um dia na vida de uma creança*, e em nenhum espirito nasceria o pensamento, diz o *Evening Transcript*, ao ouvir os pequeninos cegos fallar de tudo quanto alegra os corações infantis, de que elles eram creanças que ignorassem o que é a felicidade real. Emquanto modelavam em barro, reproduzindo flores, borboletas, aves, cavallo, segundo as suas concepções e habilidade, o dr. Eliot apresentou como orador do dia o rev. dr. George Gordon, que fez o mais caloroso elogio da obra da escola.

«É, disse elle, a mais maravilhosa obra do nosso seculo a educação destas pequeninas almas que podem ser chamadas, excepto nesta escola, almas escurecidas; é um dos maiores feitos humanitarios de que Boston se pôde orgulhar. Todo o ser humano que se acha no estado de isolamento acha-se num estado de fraqueza; e estes, se não fosse a obra de Anagnos e seus professores, estariam completamente isolados. A educação é a guarda vigilante deste isolamento e desta fraqueza.

Ella estabelece a comunicação entre os nossos intellectos e os seus. Com o seu auxilio damos-lhes a melhor idéa do universo, da sua belleza, e compartilhamos com elles a religião do mundo, numa evolução constante.

É um milagre de Deus passado nos tempos modernos porque os cegos foram nascidos para ver o bello e o bom no mundo material e espiritual. É a obra mais verdadeiramente religiosa que eu conheço, por ella conseguimos sentir o poder de uma alma que vive em tremendos limites. Só a alma pôde ultrapassar taes restricções. E é a vossa obra, de vós que acolhestes e auxiliastes esta instituição, que pelas vossas orações e dadivas consagradas a elevastes como um grande mar e libertastes os filhos de Deus. Agradeçâmos a Deus o haver-nos dado num mundo onde ha tanta dureza, tanto egoismo, tanta indifferença, cousas como estas, que nos inspiram amor. Elevemos as nossas orações ao Eterno para que esta escola destinada a cegos esteja sempre na guarda do seu immortal poder.»

Quando o dr. Gordon terminou o seu discurso, tinham as creanças completado os seus modelos de barro e deleitaram o publico expondo as suas idéas ácerca das aves, das flores, da natureza e do mundo animal. Depois de mostrarem os modelos e terem feito as suas narrações, reuniram-se ao centro do palco e jogaram alguns dos seus mais bonitos jogos infantis.

ALVARO GOELHO.

(Conclue no proximo numero.)

OS CEGOS

L'aveugle voit dans l'ombre un monde de clarté,
 Quand l'œil du corps s'éteint, l'œil de l'esprit s'allume.

V. Hugo.

Ha dois mundos no Mundo. Um palpavel e enorme,
 Composto de milhões de fórmas e de aspectos,
 Que ao sol palpita e vive e que nas trevas dorme;
 Mundo de sensações, de contactos, de objectos:

É o visivel. O olhar o aprende, o escruta, o abraça;
 N'elle se perde e engana... É o mundo da Illusão.
 O ser no parecer se occulta, e a essencia passa.
 Desconhecida á vista, e impalpavel á mão.

Nelle reina a Materia, esmagadora e eterna,
 Transformando-se sempre e nunca perecendo:
 Aguia ou astro no azul, panthera na caverna,
 Brilhando nos diamantes e nos mares gemendo.

A Materia! Ora bella e subtil, ora bruta,
 Borboleta e elephante, andorinha e albatroz...
 Mimosa e assustadora, indomavel e abrupta,
 Ora meiga e risonha, ora crua e feroz.

Esse mundo é o que nós de vista conhecemos;
 Só de vista, que a essencia e a origem ninguem sabe.
 Nelle vemos a luz e nelle a luz perdemos...
 E esse mundo sem fim n'uma pupilla cabe!

O outro é o que se vê sem olhos, o que ao tacto
 Escapa e nenhum sabio inda pode graphar;
 É o que palpita e ruge e canta, immenso e intacto;
 Tem mais astros que o céu, mais perolas que o mar:

É o mundo do Ideal, do Pensamento; é o mundo
 Interior, que não tem fórmas nem apparencias;
 Em cujo intimo seio, incognito e profundo,
 Tumultua, fervendo, a mó das Consciencias.

Cegos, é nesse mundo o vosso reino, o vosso
 Céu é esse, em que ha luz e não ha vendavaes;
 Cujosol—o Ideal, não tem, qual tem o nosso,
 Occaso, eclipse e noite e não morre jamais.

Na terra deslisaes e vos sumis na terra,
Sem lhe ver os vulcões, os abysmos medonhos...
E os males mais crueis: a fome, a peste, a guerra,
Passam junto de vós apenas como sonhos.

Cegos, a vossa luz é a luz d'Alma, é a boa,
A que não se macúla em charcos e paúes;
Vem d'um céo em que o Bem serenamente voa,
—Pomba de neve e rosa em paramos azues.

Cegos, vêdes p'ra dentro e melhor e mais certo
Que os que cegos não são; os males e as desgraças
Adivinhaes, se tanto; estaes de Deus mais perto;
Seguis dos anjos d'Elle, as luminosas traças...

Nunca vereis a chaga, o sangue, o pus, a lama;
Nunca vereis matar, nunca vereis morrer!
Ignoraes o que seja a Fealdade, e o drama
Do crime não podeis, horrorisados, ver!

Do amor tendes somente a essencia delicada.
Toda mulher p'ra vós é formosa e perfeita...
Não tendes, como nós, a alma insaciada,
Desejando sem tregua e nunca satisfeita.

Cegos, porquê? porque não vêdes o que vemos?
O nosso mundo vil, o nosso inferno atroz?
Tristissima cegueira esta em que nos perdemos!
Oh! como vêdes bem!

Os cegos somos nós!

VALENTIM MAGALHÃES,
Poeta brasileiro.

MUSEU TYPHOLOGICO PARA O ENSINO DOS CEGOS

BARÃO DE ROSENTHAL

Do consul geral de Portugal nos Paizes Baixos e abastado capitalista, o sr. Barão de Rosenthal, recebeu hontem o nosso collega Branco Rodrigues uma carta da qual traduzimos os seguintes periodos:

«Amsterdam, 26 de janeiro de 1899.—Depois de um trabalho que durou bastante tempo, completei uma bella collecção de objectos, que lhe serão uteis para o ensino dos cegos. Ser-lhe-ha remettida pelo vapor que sahe d'este porto no dia 1 de fevereiro.

«Tenho muito prazer em fazer presente da minha collecção ao seu estabelecimento e sinto-me feliz por poder ser-lhe agradável. = *Barão de Rosenthal*».

É mais um acto de generosidade que o nosso illustre consul pratica a favor dos cegos portuguezes, de quem tem sido um benemerito protector.

Logo que chegue a Lisboa a preciosa collecção, será posta em exposição durante alguns dias, para poder ser admirada pelo publico da capital.

Com as importantes dadas que Branco Rodrigues tem recebido e espera receber para o seu «Museu Typhlogico», que fundou no Instituto de Cegos de Castello de Vide, este museu, unico no seu genero, tornar-se-ha em pouco tempo um dos mais curiosos e uteis do paiz.

(Do *Diario de Noticias*, de Lisboa.)

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O insigne artista Raphael Bordallo Pinheiro offereceu ao nosso collega Branco Rodrigues, fundador d'este museu, grande numero de objectos artisticos por elle fabricados na sua importante fabrica das Caldas da Rainha, os quaes vão servir para ministrar as *lições de cousas* aos pequeninos cegos do Instituto de Castello de Vide.

Por meio d'esses objectos, que em breve serão expedidos para aquella villa, os cegos ficarão fazendo idéa exacta do que nunca viram, nem nunca poderão vêr.

É commovente a alegria que os cegos experimentam quando se lhes apresentam, para elles apalparem, cousas de que ouvem constantemente falar, mas de cuja fórma e feitio não tinham a menor noção.

Bordallo, fazendo a offerta de vertebrados, aves, peixes, reptis, molluscos, de fructas e legumes, collaborando assim na obra iniciada por Branco Rodrigues, presta aos cegos portuguezes o maior de todos os beneficios, que é o de lhes deleitar o espirito, illustrando-os, torna-se por isso crêdor do nosso entusiastico applauso.

Logo que chegue das Caldas a curiosa collecção d'estes objectos, será exposta ao publico, em um dos principaes estabelecimentos da capital.

(Da *Folha do Povo*, de Lisboa.)

Dos 150 cegos indigentes de Lisboa, cujos nomes estão inscriptos no escriptorio da revista de typhlogia, o *Jornal dos Cegos*, na Livraria Catholica, ao Rocio, muitos teem ido áquella redacção, para receber alguns donativos com que os bemfeitores dos cegos os costumam contemplar n'esta epoca do anno.

Por isso, o redactor do *Jornal dos Cegos* appella para as pessoas caritativas, implorando a sua esmola e lembrando-lhes que familias ha em que marido e mulher são ambos cegos, e muitos não podem pedir esmola pelas ruas e por isso soffrem em casa a maior de todas as miserias.

Às pessoas que quizerem distribuir pessoalmente as suas esmolas, a redacção do alludido jornal indicará as moradas d'aquelles desventurados.

Publicar-se-hão os nomes dos cegos contemplados e os das pessoas que derem esmola se a isso se não oppuzerem.

(Do Reporter, de Lisboa.)

OS CEGOS DE LISBOA

A redacção do *Jornal dos Cegos* distribuiu a 45 cegos indigentes da capital em esmolas de 500 réis, a quantia de 22\$500 réis que recebeu pelo Anno Bom, de alguns bemfeitores. Dos 150 cegos de Lisboa, inscriptos n'aquella redacção, ficaram por contemplar 105. Para estes recorreremos á caridade dos nossos leitores.

Os cegos contemplados foram os seguintes: Anna Loureiro, Cascalheira, Campo de Ourique, 12; Anna Joaquina, rua de S. Cyro, 83; Anna Oliveira, rua das Cangalhas, 8, pateo Pereira; Antonia Catharina, calçada de S. Vicente, 102; Antonio Silva, travessa de S. José, 7; Augusto Lusitano, rua do Capellão, 4; Constancia Rodrigues, rua dos Mouros, 8; Diocleciano Joaquim, rua de Alcantara, 29; Elisa Guerra, rua dos Calafates, 85; Emilia de Jesus, rua Saraiva de Carvalho, 83, villa Torres; Francisco Dias, rua do Arco do Limoeiro, 15; Francisco Dôres, travessa do Convento de Sant'Anna, 23; Francisco Sanches, rua da Fonte Santa, 112; Isabel Valente, rua do Machadinho, 32; João Oliveira, rua do Sol a Santa Catharina, 82; João Silva, rua da Mãe d'Agua, 34; João Carvalhal, travessa das Inglezinhas, 36; João Santos, rua do Arco do Carvalhão, 103; Joaquim Eduardo, Quinta da Polvora, Horta Maria, Alcantara; José Balboa, travessa Zagallo, 15; José Henriques, rua dos Contrabandistas, 52, a Alcantara; José Alves, rua do Valle de Santo Antonio, 18; José Moreira, Arco do Carvalhão, fabrica dos Ossos; Ludovina da Conceição, rua dos Prazeres, 49; Ludovina Monteiro, rua João Braz, 21; Luiz Ferreira, rua da Magdalena, 202; Luiz Rodrigues, rua de S. Vicente Borja, 77; Luiza Marques, rua de S. Vicente Borja, 3; Luiza Amorim, travessa dos Fieis de Deus, 69; Manuel Alves, Casal Ventoso, Prazeres; Manuel Ribeiro, rua Thomaz da Anunciação, 66; Maria da Conceição, rua da Oliveirinha, 25, Escolas Geraes; Maria da Silva, rua de S. Vicente Borja, 74; Maria Joaquina, rua Marcos Barreiros, 27; Maria Mello, rua de Santa Marinha, 5; Maria Miranda, travessa das Izabeis, 19; Maria Martins, Fonte Santa, 21; Maria Victor, rua das Cangalhas, 7; Maximiana Vital, Arco do Carvalhão, villa Dias; Rafael Pereira, rua de S. Vicente Borja, 86; Rafael Sacramento, travessa das Inglezinhas, 34; Taurina Conceição, travessa do Alcaide, 10.

(D'O Seculo, de Lisboa.)

UMA ESMOLA

Sob a rubrica *Os cegos de Lisboa*, lia-se no nosso numero da manhã de hontem:

«A redacção do *Jornal dos Cegos* distribuiu a 45 cegos indigentes da capital, em esmolas de 500 réis, a quantia de 22\$500 réis, que recebeu, pelo Anno Bom, d'alguns bemfeitores.

«Dos 150 cegos de Lisboa, inscriptos n'aquella redacção, ficaram por contemplar 105.
«Para estes appellamos a caridade dos nossos leitores.»

Pouco mais ou menos pela uma hora da tarde, era honrada a entrada da nossa casa por uma senhora nova e distincta, acompanhada d'uma menina; tendo encontrado logo ao limiar da porta um dos empregados da administração, o mais antigo, quasi coevo da fundação do jornal, e estamos a correr o quadragésimo sexto anno, perguntou-lhe:

—O sr. é do *Jornal do Commercio*?

—Sou, sim, minha senhora—respondeu com a sua respeitosa cortezia o nosso empregado.

—Ah! sim, é...—disse ella, como reconhecendo-o.

E entregou-lhe uma carta com este endereço: *A redacção do Jornal do Commercio*.

A' noite, apenas abancados, chega-se-nos o nosso decano e fiel empregado com a carta, contando-nos a fórma como a tinha recebido, e sopesando-a:

—A carta traz dinheiro...

Era visível o relevo causado por tres pequenas moedas, que começaram por nos intrigar pelo seu peso. Rasgando logo o sobrescripto, de intrigados passámos a surpresos e encantados, porque encontrámos tres libras em ouro, embrulhadas n'um papel com estes simples dizeres: *Para esmola a alguns dos cegos não contemplados no Anno Bom*.

Era um donativo, sob todos os pontos de vista, real e praticado por uma maneira evangélicamente anonyma, que o realça e sublima!

Não surprehende o leitor n'este facto de caridade a sua divina genese?! Uma delicada enternecida alma de mulher compunge-se á leitura que lhe dá a visão dolorosa de 105 pobres cegos decepcionados na esperança d'uma esmola, e aggravados por isso na sua miséria e quem sabe se todos elles conformados com mais essa contrariedade da sua triste sorte! E um infinito sentimento de piedade consoladora para com esses desgraçados alaga e inunda toda essa delicada e enternecida alma!

—Vou consolar esses infelizes!—exclamaria a generosa senhora.

E porque o Destino, nem sempre justo, o será, todavia, com ella, vae á sua secretária, pega em tres libras em ouro e vem entregal-as a este jornal, dando-nos, com a distincção da sua escolha, o prazer da missão de esmolar para com «alguns dos cegos não contemplados no Anno Bom».

Por nós e por elles, beijámos respeitosos e commovidos a gentil e piedosa mão anonyma.

(Do *Jornal do Commercio*, de Lisboa.)

A redacção do *Jornal do Commercio* entregou hontem ao nosso collega o sr. Branco Rodrigues tres libras em oiro, que uma caridosa anonyma foi ha dias pessoalmente levar áquella redacção, para serem distribuidas pelos cegos de Lisboa, que não foram contemplados por occasião do Anno Bom.

Para satisfazer a vontade da benemerita bemfeitora vão ser contemplados os cegos cujos nomes estão inscriptos na redacção do *Jornal dos Cegos* e que ainda não obtiveram esmola.

(Do *Diario de Noticias*, de Lisboa.)